

60.6

À HESPAÑHA LIVRE

DO MESMO AUCTOR:

Proximo a publicar-se:

A morte de D. João (POEMA)

Gritos e Cantos (POESIAS SOLTAS)

GUERRA JUNQUEIRO

A HESPAÑHA LIVRE

COIMBRA

TYPOGRAPHIA DE MANUEL CAETANO DA SILVA

Praça de S. Bartholomeu, n.º 11.

1873

A

D. THOMAZ PENILLA

À HESPANHA LIVRE

Despedaçou-se a ultima cadeia:

Tem mais um arco a ponte d'Alcolêa!

—Ponte de luz, d'amor, de redempção,

Ônde as espadas, grandes linguas d'aço,

Cantaram pelo espaço

Da liberdade a esplendida canção.

Como candidas pombas innocentes,
Venham em bando os corações dos crentes
Para adorar o espirito de Deus
Que entôa do futuro a eterna missa,
Alevantando a hostia da justiça
No altar dos Pyrineus.

Ah! fôï um dia de licção suprema!
Derreteram-se os astros do diadema,
Soltaram-se das jaulas os leões,
Dormindo nas bainhas as espadas,
Conservando-se mudas e fechadas
As purpureas gargantas dos canhões.

Patria de heroes! oh! deusa dos assombros,
Tu sacudiste a purpura dos hombros,
Rasgaste as névoas do horisonte escuro
E firme, inabalavel, triumphante
Vaes escalando a passos de gigante
A sagrada montanha do futuro.

E tu, oh réi, abandonando a Hespanha
Déste um exemplo de grandesa estranha!
E, se nós vemos por acaso agora
O sol da liberdade a dispontar,
Tu foste a doce luz crespucular
D'esta brilhante aurora.

Entraste como os miseros grilhetas,

No meio das baionetas

Das fulvas legiões;

E sahiste sereno, immaculado,

Sem precisar um unico soldado,

Entre as alas dos nossos corações.

Mas cuidado! que em volta das choupanas

As pantheras catholicas romanas

Buscam na sombra o fojo que as acoite . . .

Bem lhes vemos os olhos hediondos,

Como quatro carbunculos redondos,

Ensanguentando as orbitas da noite.

São elles — os Bourbons, os reis, os Judas . . .

Passam nas trevas mudas

Mudos como sicarios . . .

São elles — os Bourbons, os dois parentes

Que andam famintos aguçando os dentes

Nas folhas dos cutellos sanguinarios.

Desgraçados de vós! a mocidade

Já não quer aprender a liberdade

Pelas gothicas letras dos missaes;

Quebraram-se as algemas . . . Democratas,

Poisae o pé sobre as cabeças chatas

Das viboras reaes!

O podre galeão do despotismo
Vae mergulhando na espiral do abysmo,
Elle — que andou a topetar nos astros!
E no convez a doida marinhagem,
Vendo afundar o galeão selvagem;
Tremula sobe ao pincaro dos mastros.

Entrem no chão as lividas toupeiras!
Despedacem-se as ultimas barreiras,
Faça a egualdade o codigo das leis!
Batalhae nas Termopylas, oh bravos,
E guardae o tagante dos escravos
Para expulsar o sequito dos reis.

Já não voltam os seculos vetustos
Em que fazieis lugubres magustos,
Lançando as almas na fogueira ardente!
Nas fogueiras, a cujo reverbero,
Se illuminou o verbo de Luthero,
Como um trovão de purpura candente.

O colosso Romano apodrecido
Como um grande cetaceo carcomido
Vae sobre as ondas do revolto mar,
Todo nojento, hidropico, viscoso,
Com o fetido ventre monstruoso
Voltado para o ar.

Oh! despotas sagrados,
Vós sois os espantalhos collocados
Nos felizes vergeis da humanidade,
Para que os nossos labios resequidos
Não vão comer os fructos prohibidos,
Os fructos da justiça e da verdade.

É tudo innutil, crêde:
A agua benta já não mata a sede;
Esphacelam-se as purpuras reaes

Do Cezar Padre-Santo;
E Deus fez-se tão grande, alargou tanto
Que não cabe nas vossas cathedraes.

Anda no espaço um rubro magnetismo . . .
Por sob os nossos pés há um grande abismo
Cheio de luz e coleras sombrias . . .
Sente-se ao longe um echo formidavel:
É o braço da justiça enexoravel
A pregar o caixão das monarchias.

Enrizando ao futuro a grande lança,
A phalange dos seculos avança
A procurar seu fito,
Como rudes, olympicos soldados,
Cavalleiros-phantasmas embuçados
A galopar na estrada do infinito.
